

# DISCRIMINAÇÃO CODIFICADA: UMA RESENHA DE *RACISMO ALGORÍTMICO*, DE TARCÍZIO SILVA

Rayron Costa Ribeiro\*

## RESUMO

A obra *Racismo Algorítmico*, de Tarcízio Silva, analisa as estruturas de poder implicadas na construção e retroalimentação de algoritmos, evidenciando seus desdobramentos nas violências raciais. A resenha explora os principais capítulos do livro, situando-os no contexto mais amplo dos estudos sobre tecnologia, colonialismo digital e racismo estrutural. A análise também articula outras obras referenciais da área e sugere a relevância pedagógica e social da obra para educadores, estudantes e pesquisadores.

**Palavras-chave:** Racismo algorítmico. Colonialismo digital. Inteligência artificial. Branquitude. Tecnologia e poder.

---

\* Graduando em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4211-7617>. E-mail: [rayroncostaribeiro@alu.ufc.br](mailto:rayroncostaribeiro@alu.ufc.br).

### **CODED DISCRIMINATION: A REVIEW OF *RACISMO ALGORÍTMICO* BY TARCÍZIO SILVA**

**ABSTRACT:**

The book *Racismo Algorítmico* by Tarcízio Silva critically examines the power structures embedded in the development and reinforcement of algorithms, exposing their implications for racialized violence. This review explores the main chapters of the work, positioning them within the broader field of studies on technology, digital colonialism, and structural racism. It also articulates Silva's contributions with other seminal works and highlights the pedagogical and social relevance of the book for educators, students, and researchers committed to understanding the racial dimensions of artificial intelligence.

**Keywords:** Algorithmic racism. Digital colonialism. Artificial intelligence. Whiteness. Technology and power.

### **DISCRIMINACIÓN CODIFICADA: UNA RESEÑA DE *RACISMO ALGORÍTMICO*, DE TARCÍZIO SILVA**

**RESUMEN:**

La obra *Racismo Algorítmico*, de Tarcízio Silva, examina críticamente las estructuras de poder que atraviesan la construcción y retroalimentación de algoritmos, poniendo de manifiesto sus implicaciones en las violencias racializadas. Esta reseña recorre los principales capítulos del libro, situándolos en el marco más amplio de los estudios sobre tecnología, colonialismo digital y racismo estructural. Asimismo, articula la propuesta de Silva con otras obras clave del área, destacando la relevancia pedagógica y social del libro para docentes, estudiantes e investigadores comprometidos con la comprensión crítica de las dimensiones raciales de la inteligencia artificial.

**Palabras clave:** Racismo algorítmico. Colonialismo digital. Inteligencia artificial. Blanquitud. Tecnología y poder.

**REFERÊNCIA DA OBRA RESENHADA: SILVA, TARCÍZIO. RACISMO ALGORÍTMICO: INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DISCRIMINAÇÃO NAS REDES SOCIAIS. SÃO PAULO: EDIÇÕES SESC, 2022.**

Em *Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes sociais*, Tarcízio Silva analisa as estruturas de poder implicadas na construção e retroalimentação de algoritmos, evidenciando seus desdobramentos nas violências raciais. A obra resulta das pesquisas realizadas durante seu doutorado em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC. Silva também é mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia.

O livro é estruturado em uma introdução e seis capítulos: “Discursos racistas na web e nas mídias sociais”, “O que as máquinas aprendem?”, “Visibilidades algorítmicas diferenciais”, “Necropolítica algorítmica”, “Tecnologias são políticas” e “Reações, remediações e invenções”. A resenha segue essa organização, mas também propõe leituras críticas e conexões com outras obras do campo.

A obra de Silva ecoa e historiciza a denúncia de um *colonialismo digital* enraizado em algoritmos que, ao serem programados e retroalimentados, reforçam práticas de subjugamento de pessoas negras por meio da linguagem, das imagens e das estruturas sociais. Essa discussão dialoga com *Algoritmos da Opressão* (Noble, 2021), que denuncia como mecanismos algorítmicos produzem resultados misóginos e racistas, e com *Algoritmos de Destruição em Massa* (O’Neil, 2020), ao destacar os riscos da crença na suposta infalibilidade dos algoritmos.

O conceito de colonialismo digital, segundo Silveira, Souza e Cassino (2021), é atravessado pela concentração de tecnologias e pela coleta de dados por potências centrais, o que lhes confere vantagens simbólicas e econômicas. Nesse sentido, vale lembrar a afirmação de Alfredo Bosi (1992, p. 356): “A colonização é um processo ao mesmo tempo material e simbólico... não há condição colonial sem um enlace de trabalhos, de cultos, de ideologias e de culturas”. Essa articulação simbólica aparece na representação estereotipada de mulheres, pessoas negras e da própria tecnologia como neutra e objetiva.

No primeiro capítulo, Silva traça um panorama das manifestações do racismo online e aponta como a ideia de neutralidade tecnoliberal contribuiu para invisibilizar pesquisadores da diáspora africana e legitimar o ciberespaço como um campo independente do Estado. O autor mostra como essa estrutura contribui para a fixação da supremacia branca no desenvolvimento tecnológico.

Silva constrói um percurso analítico que parte do racismo online no Brasil, passa pelas microagressões digitais e chega ao conceito de racismo algorítmico. Apoiado em autores como Sue (2010) e Pierce (1969), ele define microagressões como expressões verbais, intencionais ou não, que comunicam hostilidade e desrespeito. Silva categoriza essas violências em quatro tipos: microinsultos, microinvalidações, deseducação e desinformação, e as relaciona com manifestações algorítmicas como: “suposição de criminalidade”, “negação das realidades raciais”, “exotização” e “exclusão”.

Essas categorias oferecem um aparato teórico robusto para estudos sobre o racismo algorítmico. Por exemplo, Araújo (2024) analisa as microagressões presentes nas reações à deputada Renata Souza, enquanto Araújo e Araújo (2024) discutem a imagem gerada por IA que retrata uma mulher negra armada em uma favela, evidenciando a violência simbólica das inteligências artificiais.

No segundo capítulo, “O que as máquinas aprendem?”, Silva diferencia IA geral (capaz de simular capacidades humanas complexas) da IA estreita (voltada a tarefas específicas, como reconhecimento facial). Ao discutir a transição entre as perspectivas simbólico-dedutiva e conexionista-indutiva da IA, o autor mostra como os algoritmos são treinados para engajar usuários em redes sociais, muitas vezes favorecendo conteúdos de extrema-direita. Como destacam Hissa e Gomes (2024), essa lógica está relacionada a uma curadoria algorítmica que reforça a hiperindividualização e a performatividade dos sujeitos.

Em “Visibilidades algorítmicas diferenciais”, o foco é a visão computacional. Silva evidencia como os algoritmos promovem tanto a invisibilidade quanto a hipervisibilidade de pessoas negras, ambas atravessadas por estereótipos e preconceitos. Segundo ele, tecnologias de “embelezamento” digital apagam traços negróides, clareiam a pele e “europeizam” os usuários. Essa prática, para o autor, reafirma o “pacto da branquitude” (Bento, 2022), alimentando um ideal estético que marginaliza corpos negros.

O quarto capítulo, “Necropolítica algorítmica”, aborda como algoritmos reproduzem o imaginário racista em temas como segurança, criminalização e reconhecimento facial. Silva analisa desde a gênese colonial da necropolítica até os efeitos simbólicos e materiais do racismo digital, questionando: quem pode usar a IA de forma legítima?

No capítulo seguinte, “Tecnologias são políticas. E racializadas”, o autor aprofunda a relação entre tecnologia, espaço urbano e epistemicídios. Ao discutir os projetos de segregação urbana e a exclusão racial no urbanismo (como no caso de Robert Moses), Silva mostra como o racismo é materializado no espaço. O autor também denuncia a invisibilidade de saberes negros nas bases de dados e sugere que a própria produção tecnológica é atravessada por relações de poder racializadas.

Finalmente, no capítulo “Reações, remediações e invenções”, Silva propõe caminhos para o enfrentamento do racismo algorítmico. Dentre eles: auditorias algorítmicas, campanhas públicas, mobilizações digitais e formação de novos olhares. O autor defende uma abordagem interdisciplinar e engajada, que una pesquisa, militância e regulação para promover mudanças concretas.

Para além dessas propostas, é urgente promover o letramento algorítmico desde o ensino básico ao superior, permitindo uma compreensão crítica do papel das tecnologias em nossa vida cotidiana. A leitura da obra de Silva é, portanto, imprescindível para estudantes, educadores e pesquisadores que desejam compreender as interseções entre tecnologia, poder e racismo. Com linguagem acessível e fundamentação teórica consistente, *Racismo Algorítmico* é uma referência essencial para o enfrentamento das violências digitais contemporâneas.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J.; ARAÚJO, J. C. D. de. Racismo algorítmico e inteligência artificial: uma análise crítica multimodal. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 89–109, 2024. DOI: 10.46230/lef.v16i2.13108. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/13108>. Acesso em: 2 abr. 2025.
- ARAÚJO, J. Racismo algorítmico e microagressões nas redes sociais. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 18, p. e1849, 2024. DOI: 10.14393/DLv18a2024-49. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/74207>. Acesso em: 2 abr. 2025.
- BENTO, C. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BOSI, A. *A dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- HISSA, D. L. A.; GOMES, E. P. M. IA e curadoria algorítmica em plataformas de mídia digital: o fim de performatividade discursiva? *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 18, p. e1853, 2024. DOI: 10.14393/DLv18a2024-53. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/74586>. Acesso em: 2 abr. 2025.
- PIERCE, C. M. **Offensive mechanisms**. In: Barbour, Floyd B. (ed.). *The Black seventies: an extending horizon book*. Boston: Porter Sargent Publisher; 1970. p. 265-282.
- NOBLE, S. U. *Algoritmos da opressão: como o Google fomenta e lucra com o racismo*. Tradução Felipe Damorim. Santo André: Rua do Sabão, 2021.
- O'NEIL, Cathy. *Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia*. Tradução Rafael Abraham. Santo André: Rua do Sabão, 2020.
- SUE, D. W. Taxonomy of Microaggressions. In: SUE, Derald Wing. *Microaggressions in everyday life: race, gender, and sexual orientation*. p. 21-42. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, 2010.

